

## **EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS**

Submeto à consideração dos nobres Pares o Projeto de Lei que objetiva denominar Rua Madre Clara o logradouro público cadastrado, conhecido como Rua 2913 – Loteamento Verdes Campos –, situado no Bairro Mário Quintana.

Madre Clara, cujo nome de registro era Morena de Azevedo e Souza, nasceu no dia 27 de outubro de 1891, na cidade de Santa Cruz do Sul, neste Estado, sendo filha de Vasco de Azevedo e Souza e de Florinda Machado de Azevedo.

Era a décima dentre dezoito filhos de distinta família, cujo pai destacou-se como político republicano, pessoa de *grande inteireza de caráter, tino admirável, de espírito bem orientado e sempre disposto à prática das virtudes sociais* (Jornal Gazeta do Sul, 1909).

Morena nasceu no seio de uma família de fé cristã e recebeu o Batismo na Igreja São João Batista, no dia 26 de outubro de 1892, sacramento este administrado pelo Padre Rudgero Stermmans, em Santa Cruz do Sul/RS.

Crescia em sabedoria, estatura, graça e no amor, particularmente a Cristo Eucarístico. No dia 22 de maio de 1909, fez sua primeira Eucaristia em sua terra natal, na mesma Paróquia na qual foi batizada e crismada.

Iniciou seus estudos na Escola Complementar de Santa Cruz do Sul. Ao concluir a 3ª série do curso complementar, solicitou à Direção um atestado de aproveitamento e de conduta. Morena obteve a seguinte declaração:

Declaro, para os fins convenientes, que D<sup>a</sup> Morena de Azevedo e Souza, aluna da 3ª serie desta Escola, foi sempre muito assídua e seu procedimento exemplar, sob todos os aspectos; sua aplicação ao estudo, os esforços que lhe foram necessários, merecem todos os louvores não só de mim, como também dos mais professores, meus colegas. Nestas condições não podia deixar o aproveitamento de D<sup>a</sup> Morena de ser dos melhores, como foi; o que atesto por ser a simples verdade.

Santa Cruz do Sul, 30 de novembro de 1907 – o Diretor da Escola Complementar – Professor Francisco Luiz Augusto Laurent.

Órfã de pai, falecido em 1909, transferiu-se com a família para Porto Alegre, onde concluiu os estudos na Escola Complementar da Capital, hoje, Instituto de Educação General Flores da Cunha. Recebeu, com nota de distinção, o Diploma de Professora, em 24 de dezembro de 1917, em cuja cerimônia foi oradora da turma. Na Celebração Centenária do Instituto da Educação, em 23 de

maio de 1969, foi convidada e falou representando as ex-alunas. Em seu discurso de homenagem mostrou-se agradecida pelo que ali recebeu, e disse:

Pela instrução e formação que recebi na querida Escola Complementar obrigada, meu Senhor, Mestre dos mestres, obrigada no máximo superlativo.

A 18 de fevereiro de 1919, foi contratada pela Repartição Central (Ofício nº 162), com os seguintes termos:

O Secretário do Estado dos Negócios do Interior e Exterior contrata de acordo com a disposição em vigor, a aluna-mestra D<sup>a</sup> Morena de Azevedo e Souza para auxiliar o ensino no Colégio Elementar “Fernando Gomes”, nesta capital com a gratificação da respectiva tabela. (assina, Hildefonso Pinto)

Morena trabalhou nessa Escola até 2 de maio de 1924, quando foi transferida para o Colégio Elementar do Arraial da Glória, onde permaneceu até fins de 1928.

Nesse ano, deixou de ser educadora nas salas de aula para ser humilde e atenta discípula do bom mestre na concretização da Obra a que se sentiu inspirada: a Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Aparecida. Dona Florinda Jabur Scandor, ex-aluna de Madre Clara, ao ser entrevistada sobre as lembranças que guardava de sua professora, em 22 de junho de 1997, deixou gravado o seguinte testemunho:

Era ótima! Ela era muito bondosa. Era uma segunda mãe. Ela cuidava daquelas crianças como se fossem os filhinhos dela...

Muito dedicada, muito competente principalmente na parte espiritual. Ela se dedicava muito. Sempre fazia as orações, na parte da manhã ao iniciar as aulas e ao terminar as aulas. Quando havia uma vaga, de outra professora que não pudesse comparecer, ela aproveitava aquela hora e dava catecismo, ensinava, preparava as meninas para fazer a primeira comunhão e se interessava que fossem boas filhas, que estudassem...

Em dia de chuva, às vezes nós chegávamos molhados, ela se preocupava muito. Sempre tinha toalhinhas para secar a cabecinha ou o sapatinho; mandava botar um jornalzinho, uma coisa no sapato para não ficar com os pés molhados. Era uma verdadeira mãe...

Se os colegas tinham problemas, algumas dificuldades, ela sempre estava pronta a auxiliar, aconselhava sempre, sempre, sempre...

Verdadeira mestra. Era, ali, mestra intelectual, de letras, e mestra espiritual.

No desempenho de sua missão de educadora, realizada com carinho, capacidade e dedicação, Morena foi sentindo-se interpelada por Deus para algo

mais. Sentiu-se vocacionada para a vida religiosa. Nessa época, conheceu Frei Pacífico de Bellevaux, de quem recebeu orientação pessoal. Ela mesma diz:

Conheci-o bem de perto quando Capelão do Colégio Seigné, em 1923. Levada pela fama de especialista das almas, o tomei como diretor espiritual.

Morena, empolgando-se sempre mais pelo franciscanismo, ingressou na Ordem Franciscana Secular. Aceitou colaborar na criação de uma fraternidade onde a língua nacional presidisse todas as relações e garantisse às integrantes maior compreensão do carisma franciscano e melhor aproveitamento espiritual. Solicitada por Frei Pacífico, auxiliou diretamente na formação da nova fraternidade. Por ele nomeada mestra de noviça, tem, entre as demais, a própria mãe e uma de suas irmãs.

No início de 1926, tendo falecido a mãe, com a tranqüilidade do dever cumprido, prossegue na concretização de seu ideal vocacional. Nesse mesmo ano, em Porto Alegre, houve grande comemoração do 7º Centenário da Morte de São Francisco de Assis. Frei Pacífico idealizou e coordenou as festividades. Isso fez com que Morena se empolgasse e participasse ativamente das atividades, fazendo-a sentir-se cada vez mais atraída pela espiritualidade franciscana.

Concebeu o ideal de fundar uma congregação religiosa brasileira com o Espírito de São Francisco de Assis. Ela mesma dá testemunho disso:

A idéia da fundação da Congregação nasceu por ocasião das brilhantes homenagens que Frei pacífico organizara comemorando o VII Centenário de São Francisco, em 1926.

Em 15 de novembro daquele ano, Morena revelou seu grande ideal a Frei Pacífico, que o acolheu com alegria, pois ele sentia inspiração semelhante. Logo a encaminhou a Dom João Becker, Arcebispo de Porto Alegre, que externou efusiva aprovação e nomeou Frei Pacífico para ajudá-la a garantir que o ideal franciscano que desabrochou se implantasse e se mantivesse.

Em 17 de setembro de 1927, foi criada a entidade civil da futura Congregação com o nome de Sociedade Beneficente Cruzeiro de São Francisco, atualmente, Associação Cruzeiro de São Francisco. Em 24 de junho de 1928, uma missa festiva, presidida por Dom João Becker, marcou a fundação da congregação, que recebeu o nome de Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Aparecida.

Em março de 1928, juntamente com suas primeiras companheiras de ideal, abriu a Escola Nossa Senhora do Brasil, junto a qual eram atendidas jovens estudantes, operárias vindas do interior do Estado e meninas ou jovens órfãs. Essa foi a primeira obra apostólica e social do grupo. Morena dirigiu-a pessoalmente enquanto a obra existiu.

Morena foi uma mulher marcada pelo dom da sensibilidade cultural, por isso teve especial atenção para com os aspectos culturais de seu povo: “a índole, o gênio, o temperamento e a saúde”. Isso fez com que se preocupasse com o nascimento de uma Congregação genuinamente brasileira. Ela era também portadora de uma sensibilidade social muito grande, pois quis a vida religiosa a serviço das pessoas e classes “mais abandonadas..., rejeitadas em toda parte”.

Dezesseis anos depois, a Obra de Madre Clara recebeu a aprovação da Igreja e tornou-se reconhecida como Congregação de Direito Diocesano, em 7 de setembro de 1947. No mesmo ano, Madre Clara foi confirmada na função de Superiora-Geral, cargo que exerceu desde 1928, por mandato de Frei Pacífico.

Desde o início, Madre Clara mostrou ser pessoa de intensa vida interior e de ilimitada confiança na Divina Providência, lastro de fé que lhe deu forças para superar os sofrimentos causados no complexo encaminhamento da Congregação em seus primeiros passos de existência. Ela mesma deu provas disso ao escrever:

Mar revolto, encapelado sacode a Barquinha Aparecida... Que importa? Aquele que víamos como a dormir na longa – audaciosa travessia, Ei-lo de pé, na proa, agora no momento preciso... Ele, a verdadeira luz – o destemido timoneiro... Nos mostra, nos indica o caminho a seguir... Não nos vê derrotadas. Não. Experimentadas sim. Prontas para novas lutas. Disponíveis para tudo em benefício da Mãe Congregação...

Deixou escrito esse especial testemunho em 17 de setembro de 1966, depois de entregar o cargo de Superiora-Geral à primeira Irmã que a sucedeu nas funções.

Com a renovação pós-Concílio Ecumênico Vaticano II, houve profundas e rápidas mudanças na Igreja, na vida religiosa consagrada e, por isso mesmo, na Congregação fundada por Madre Clara. Ela, no entanto, testemunhou mais uma vez a têmpera de sua fé e de sua inabalável confiança em Deus.

Frei Alberto Stawinski, falando a respeito de Madre Clara, escreve:

A nobreza de alma de Madre Clara transparecia na sua total resignação à vontade de Deus, jamais demonstrando desânimo, nem tão pouco ressentimento, quer no relacionamento com pessoas temperamentais, quer nos momentos de contratempos, de más interpretações de seus atos. Não lhe faltaram cruces. Contudo soube aceitá-las com espírito de fé e de adesão à vontade de Deus. (28-12-88)

Em 1960, com a aprovação da Congregação para os Religiosos e Institutos de Vida Consagrada, do Vaticano, Madre Clara Maria aceitou continuar exercendo o cargo de Superiora-Geral em mais um sexênio, por postulação das Irmãs. Com isso, foi Superiora-Geral até janeiro de 1966, quando foi eleita sua sucessora, Irmã Maria Silveira Hoffman.

Permaneceu residindo na Casa Mãe da Congregação até a sua morte. Como dócil e obediente súdita, procurou sempre ser igual às suas co-irmãs, renunciando a qualquer privilégio que a pudesse distinguir.

Viveu na humildade, cultivando intensa vida de oração, marcada pela contemplação franciscana. Irmã Efrém, uma de suas Conselheiras no governo da Congregação, diz a respeito:

Era admiradora de tudo que é belo, mostrava-me cada uma das flores com que todos os dias enfeitava seus santos; comentava a beleza do sol ou os benefícios da chuva, a beleza da trepadeira do pátio da capela e se extasiava ouvindo o canto dos passarinhos que ali, todas as tardes, vêm se abrigar... Enfim, sua alma como a de São Francisco tudo admirava e de tudo tirava motivos para louvar a Deus. (04-08-78)

Acolhia com amor terno todas as Irmãs que a procuravam. Acompanhava a todas nas suas lutas e crescimento. Para cada uma, tinha uma palavra de encorajamento, um sorriso profundamente acolhedor que brotava do fundo de seu coração bondoso e maternal; solicitada a dizer de sua Congregação, após o Concílio Vaticano II, diz:

Vejo a Congregação com muita esperança dentro da renovação, conforme é o desejo da Igreja hoje... Procuremos atender os apelos da Igreja, através da inserção sempre renovada. (1973)

Depois do Sacrário, Madre Clara foi o centro da Casa Mãe. Sua sala era local de convergência de todas as Irmãs quando retornavam de trabalhos ou chegavam de viagens. Sala que, após sua morte, foi transformada em oratório, onde, além de presença espiritual de Madre Clara, permanece presente Cristo nas Espécies Eucarísticas, “o Divino Hóspede”, como ela o chamava.

Dedicou seus últimos anos de vida escrevendo, a próprio punho, anotações que intitulou: *Dados autênticos para auxiliar a quem escrever a história da minha Congregação*. Os cadernos contêm 1.026 páginas. Encerra-os deixando registradas estas palavras:

A Congregação busca a renovação e atualização na Igreja, hoje. Sua característica é a simplicidade e a acessibilidade franciscanas brasileiras. Terminei a minha carreira (de 28 anos). Combati o bom combate... Espero a misericórdia de Deus.

Depois que deixou a função de Superiora-Geral, Madre Clara cultivou a ascese evangélica do “grão de trigo”. Percebendo que sua Congregação tomava rumos novos, soube morrer em suas opiniões próprias para garantir a vida da “Plantinha Seráfica”, da qual considerava-se apenas estaca. A estaca pouco aparece, mas é de suma importância.

O centro de atenção continua sendo a “plantinha” e não a pessoa que a gerou e cultivou com amor. Mostrou-se constantemente agradecida a Deus, que fez

crescer a Congregação. Nessa santa disposição de total despojamento, colocou-se nas mãos do Senhor, aguardando sua misericórdia.

Uma das últimas visitas que Madre Clara recebeu no Hospital foi a do Cardeal Dom Vicente Scherer. Ela deu sinal de reconhecer-lhe a voz.

*Se a Congregação perdeu na terra sua Fundadora, adquiriu no céu uma Padroeira. Ao mesmo tempo, ela nos deixa o exemplo de sua grande piedade e de sua humildade. É bem verdade que precisamos muito de Santos. (Padre Rui Lorensi)*

Em paz, virtude própria das pessoas que vivem numa profunda experiência de Deus, faleceu no Hospital São Francisco, em Porto Alegre, no dia 20 de novembro de 1975. Sua morte foi causada por broncopneumonia, que muito a fez sofrer nos últimos dias de sua vida entre nós. Madre Clara partiu para o encontro com Deus. Deixou em herança às suas seguidoras o perfume e a claridade de suas virtudes, irradiadas em sua obra, e o compromisso de perpetuar o carisma que o Senhor lhe confiou.

Sala das Sessões, 25 de agosto de 2008.

VEREADOR JOÃO ANTÔNIO DIB

**PROJETO DE LEI**

**Denomina Rua Madre Clara o logradouro público cadastrado, conhecido como Rua 2913 – Loteamento Verdes Campos –, localizado no Bairro Mário Quintana.**

**Art. 1º** Fica denominado Rua Madre Clara, nome religioso de Morena de Azevedo e Souza, o logradouro público cadastrado, conhecido como Rua 2913 – Loteamento Verdes Campos –, localizado no Bairro Mário Quintana, nos termos da Lei Complementar nº 320, de 2 de maio de 1994, e alterações posteriores.

**Parágrafo único.** As placas denominativas conterão, abaixo do nome do logradouro, os seguintes dizeres: Fundadora da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora Aparecida.

**Art. 2º** Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

**PROC. N° 5196/08**  
**PLL N° 216/08**

/UM